

Festival de Brasília chega ao fim com seleção equilibrada



Fernanda Torres, em 'Traição': episódios de 'A Vida como Ela É'

Os concorrentes são de bons para cima, sinal de progresso estilístico na produção nacional

LUIZ ZANIN ORICCHIO

Especial para o Estado

BRASÍLIA - O 31.º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro entra em sua fase final já contabilizando um mérito, o de ser uma das edições mais homogêneas dos últimos anos. Se o grande filme ainda não apareceu, também não surgiu nenhum patinho feio, um daqueles exemplares teratológicos que vez por outra infestam as mostras de cinema. Desta vez, os concorrentes são de bons para cima, sinal de progresso estilístico na produção nacional.

Dois dos concorrentes apresentados nos últimos dias causaram efeitos diferentes em público e crítica. *Traição*, de Arthur Fontes, Cláudio Torres e José Henrique Fonseca, levantou a galera e entusiasmou parcialmente os jornalistas especializados que estão cobrindo o festival. *A Hora Mágica*, de Guilherme de Almeida Prado, teve recepção mais fria e deixou os críticos um tanto reticentes - é filme para ser analisado com cuidado em função dos problemas que propõe.

Traição é um produto heterogêneo, o que soa como afirmação banal quando se refere a filmes de episódios, dirigidos por cineastas diferentes. Mas, no caso, esse processo natural é radicalizado. Os três episódios são tirados das crônicas que Nélson Rodrigues publicava na imprensa carioca e que depois foram reunidas com o título de *A Vida Como Ela É*.

Nélson já se tornou um clássico e sua obra, multifacetada, vai da complexidade de peças como *Vestido de Noiva* a pílulas divertidas para a televisão. Os episódios de *Traição* situam-se em escala intermediária, trabalhando num registro destinado a um público mais amplo, mas nem por isso simplificando um universo espiritual denso, mesmo quando expresso numa aparentemente inofensiva crônica para jornal, esse produto em tese destinado a embrulhar o peixe do dia seguinte.

Os diretores intuíram o que há de profundo e irônico nesse mundo de culpa e engano proposto por Nélson, e expressaram essa compreensão por meio de um elenco extremamente funcional. Fernanda Torres está magnífica nos dois episódios de que partici-

**FERNANDA
TORRES TEM
PARTICIPAÇÃO
DECISIVA EM
EPISÓDIOS DE
NÉLSON
RODRIGUES**

**31º
FESTIVAL DE
BRASÍLIA DO
CINEMA
BRASILEIRO**

ao galã César Mássimo, este contracenando habitualmente com a diva Lyla Van (Maitê Proença). Tito acaba apaixonando-se por Lúcia (Júlia Lemmertz), que involuntariamente vê-se envolvida em um crime. O cineasta acrescentou essa pequena trama policial para preencher os vazios deixados



'A Hora Mágica': realidade inventada a partir do conto 'Cambio de Luces' do argentino Julio Cortázar

pa. Fernanda Montenegro tem pequena mas decisiva presença nos três episódios. Faz um solo de arrepiar, já destinado a futuras antologias. A parte masculina do elenco é discreta e competente. Aliás, essa discrição é coerente com a linha de fundo do projeto, que assinala, segundo Cláudio Torres, "a tragédia do macho contemporâneo". Fato já anunculado por Nélson e de que poucos se deram conta naquele tempo pré-feminista.

Almeida Prado destilou o que seria a essência desse texto e, em que pese algumas irregularidades de ritmo, conseguiu vertê-lo para outro veículo que é o cinema. Um veículo da imagem, preferencialmente, e portanto propício aos jogos de sedução e auto-enganos propostos pelo argentino e encampados, em seu espírito (mas não ao pé da letra), pelo brasileiro.

Com esse filme, Almeida Prado (de *A Dama do Cine Shanghai* e *Perfume de Gardênia*), faz seu trabalho mais radical. Há nele toda uma concepção do cinema auto-suficiente em relação ao real.

Como se trata de um tipo de estética construída por seus elementos internos, seria injusto (e sobretudo equivocado) adjetivá-lo de "pós-moderno" e com isso encerrar o assunto. *A Hora Mágica* remete mais a um tipo de construtivismo moderno, que engendra sua dimensão particular em relação ao real e aponta o ser humano como prisioneiro do seu próprio imaginário - este, aliás, um dos temas preferenciais de Cortázar, que nem por isso podia ser chamado de alienado, mesmo quando esse termo tinha curso social. (Em outro texto, Cortázar, pela voz de um personagem, afirma: "A nossa realidade possível tem de ser inventada"). *A Hora Mágica* é exatamente isso: realidade inventada.

Raul Gazzola faz Tito Bacárcel, dublador de radionovelas e filmes, que empresta sua voz

dos pelo misterioso conto de Cortázar, uma dessas pequenas jóias da literatura que iluminam mais o papel do imaginário no ato do amor do que dez tratados de psicanálise.

Almeida Prado destilou o que seria a essência desse texto e, em que pese algumas irregularidades de ritmo, conseguiu vertê-lo para outro veículo que é o cinema. Um veículo da imagem, preferencialmente, e portanto propício aos jogos de sedução e auto-enganos propostos pelo argentino e encampados, em seu espírito (mas não ao pé da letra), pelo brasileiro.

Com esse filme, Almeida Prado (de *A Dama do Cine Shanghai* e *Perfume de Gardênia*), faz seu trabalho mais radical. Há nele toda uma concepção do cinema auto-suficiente em relação ao real.

Como se trata de um tipo de estética construída por seus elementos internos, seria injusto (e sobretudo equivocado) adjetivá-lo de "pós-moderno" e com isso encerrar o assunto. *A Hora Mágica* remete mais a um tipo de construtivismo moderno, que engendra sua dimensão particular em relação ao real e aponta o ser humano como prisioneiro do seu próprio imaginário - este, aliás, um dos temas preferenciais de Cortázar, que nem por isso podia ser chamado de alienado, mesmo quando esse termo tinha curso social. (Em outro texto, Cortázar, pela voz de um personagem, afirma: "A nossa realidade possível tem de ser inventada"). *A Hora Mágica* é exatamente isso: realidade inventada.

Em todo caso, é um filme que não se decifra ao primeiro olhar, o que serve de estímulo para o cinéfilo interessado, mas pode cansar a quem procura no cinema uma variante a mais do fast food contemporâneo.

Esta edição do Festival de Brasília tem hoje sua última noite de competição, com *Amor & Cia*, adaptação de Hélio Ratton para a novela de Eça de Queirós. Amanhã à noite serão conhecidos os vencedores.